

O JOVEM NIETZSCHE E O PROBLEMA DA CULTURA: A TENSÃO ENTRE NECESSIDADE DE ARTE E BUSCA PELA EXISTÊNCIA

PESTANO, Sdnei Almeida¹; ARALDI, Clademir Luís²

¹Universidade Federal de Pelotas – sdnei_pestano@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do nosso trabalho é analisar como Nietzsche avalia a cultura grega antiga nos seus escritos juvenis. Para tanto, serão utilizados os seguintes textos: textos “O estado grego” e “A disputa de Homero”. Ambos estão presentes na obra “Cinco prefácios para cinco livros não escritos”, que fora dada pelo autor à Cosima Wagner em 1872.

Através destes textos pretendemos discutir sobre a dicotomia apresentada pelo filósofo alemão entre “o estado e a arte, cobiça política e geração artística, campo de batalha e obra de arte” (NIETZSCHE, 2000, p.21). O estado grego representa o contexto no qual essa dualidade foi possível, podendo apenas ser comparado ao período renascentista. Para entendermos a forma que Nietzsche trabalha esta dicotomia precisamos abordar: a) a crítica do autor à sociedade moderna e a maneira como ele rechaça as ideias de “dignidade do homem” e “dignidade do trabalho”; b) o estatuto da arte em relação à existência; c) a dinâmica e importância da disputa (*agon*) para os Gregos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho é parte da pesquisa de dissertação que está sendo realizada com financiamento da CAPES. Nossa pesquisa visa a analisar a forma como Nietzsche se utiliza da imagem da Renascença, enquanto um período fértil à criação de grandes individualidades. Para tanto, precisamos entender como Nietzsche interpreta a cultura grega na medida em que ambas estão estreitamente ligadas.

Estamos efetuando a análise crítico imanente e o fichamento das obras publicadas, assim como dos fragmentos póstumos que tangenciam o tema proposto. A discussão com comentadores é também uma medida salutar que nos permite aprofundar as questões imanentes à pesquisa. As conversas com o professor orientador também fazem parte do procedimento metodológico da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Algumas discussões se apresentam de forma mais difícil que outras. Afirmar que Nietzsche possuía uma postura escravocrata parece enfatizar a defesa de uma subjugação desenfreada não poucas vezes associada a algo que Nietzsche não chegou a afirmar. Estas associações já foram desmascaradas por diversos comentadores. O contexto da guerra Franco-Prussiana, a unificação da Alemanha, a transformação cultural acarretada por uma burguesia que encontra espaço no novo estado alemão, são fatores que nos auxiliam a entender a crítica efetuada pelo autor.

Na perspectiva do jovem Nietzsche, em si, a existência humana não possui valor, contudo falar de “dignidade do homem” e “dignidade do trabalho” não possui sentido. Estes são “produtos indigentes da escravidão” (NIETZSCHE, 2000, p.16), os quais o homem moderno ressaltou quando preferiu a luta pela existência em detrimento da necessidade de arte. Desta perspectiva é que surgem tais conceitos que eram desconhecidos aos gregos.

Para os gregos o trabalho é ultraje que está presente até mesmo no interior do impulso artístico, ao qual os gregos viam-se constantemente submetidos. Neste sentido o aspecto negativo do trabalho não é algo exclusivo do trabalho manual. O trabalho, assim como a escravidão, é entendido como um mal necessário. Esta é uma postura de difícil aceitabilidade em nossa época, mas, ao contrário do que afirma Ansell-Pearson (1997, p.91), não observamos que a interpretação efetuada por Nietzsche no que se refere a cultura grega seja ideológica. Acreditamos que Nietzsche não intenta uma simples defesa da democracia, mas sim parece estar diante de um problema que se apresenta de forma aterradora.

O ainda professor de filologia na Universidade de Basel observa que os objetivos da democracia moderna não são imparciais e prevê que essa postura acarretará na massificação da cultura e, consecutivamente, no seu aniquilamento. Na perspectiva do autor, os gregos apenas superaram a visão aterradora da existência através da arte. A única forma que a vida pode ser justificada. Por tal motivo que o autor irá afirmar que “a arte é mais poderosa do que o conhecimento, pois é ela que quer a vida, e ele alcança apenas, como última meta, – o aniquilamento. –” (2000, p.30).

O homem grego elencou a necessidade de arte; era em função deste impulso artístico e “para que haja um solo mais largo, profundo e fértil onde a arte se desenvolva” que “a imensa maioria tem que se submeter como escrava ao serviço de uma minoria” (NIETZSCHE, 2000, p.17). Esta forte afirmação do autor está embasada em uma visão aterradora do mundo que representa o problema para o qual o autor busca uma solução.

O mito de *Sileno*, no qual frente à impossibilidade de não existir, o melhor aos homens é morrer, caracteriza muito bem o que chamamos anteriormente de visão aterradora do mundo. Sob estas condições surge a necessidade de arte, o único meio pelo qual a existência pode ganhar sentido.

O Estado surge como condição de possibilidade para a criação artística. Mas este Estado não pode ser disfarçado; ele é a ferramenta cruel e sua origem está na violência e na usurpação. Assim, no seio de toda cultura, para quem este estado deve sempre estar a serviço, a existência não pode ser desprovida dos seus traços cruéis.

Os gregos encontravam origem da sua força justamente em um aspecto que a modernidade despreza: na noção de *disputa* (*Agon*). Ela fazia incendiar o que de melhor havia no homem até mesmo no âmbito artístico. No entanto, Nietzsche realiza uma distinção pertinente através da imagem da deusa da discórdia, entre uma má, filha da noite, e uma boa, presente de Zeus, *Erís*. Enquanto a primeira visa ao aniquilamento da força contrária, a segunda é fonte de estímulo e marca uma conotação distinta às noções de rancor e inveja. Estas, sob a ótica da ética grega, são vistas como fomentadoras da cultura. Quando um poeta observa outro melhor, sua inveja o projeta a auto superação e, no contexto da disputa, ele pretende fixar a sua fama em toda a eternidade como o melhor poeta existente.

4. CONCLUSÕES

O estado é visto como meio para a busca de um sentido estético à existência. Desta forma a luta pela existência não deve ser o que fomenta a vida, ela gera algo contrário ao impulso político grego. O homem da política moderna possui, com seus interesses monetários, medo da guerra e do conflito, buscando assim, a estabilidade social. É como chave de leitura para a compreensão do clamor à guerra de Nietzsche contra a tendência monetária do estado, que buscamos compreender a noção de *disputa*.

A imagem da boa *Éris* nos permite entender melhor até mesmo a dinâmica da vontade de poder defendida por Nietzsche nos seus escritos tardios. Também podemos notar que, antes mesmo de cunhar este conceito, o autor defende uma ordem aristocrática para a sociedade. Esta é parte da solução encontrada pelo autor diante do inocente fluxo de criação e destruição do mundo. Frente a este abismo o autor professa uma necessidade de arte que, em última instância, só pode ser desenvolvida por indivíduos de magnífica elevação e grandeza.

Observando criticamente a postura do autor podemos não concordar com a solução fornecida pelo autor, mas afirmamos a atualidade da pergunta. Que sentido ou qual valor pode ser realmente atribuído à vida se observada apenas pelo viés do acúmulo de dinheiro? Como justificar a existência de seres voltados ao trabalho irrefletido?¹ É possível isolar da vida real a dor ou a crueldade? Caso não seja possível, como interpretá-la? E, por fim, que tipo de vida estaríamos afirmando se for possível extrair a crueldade da existência?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSELL-PEARSON, K. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CHAVES, H. Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt. **Cadernos Nietzsche**. n. 9, p.41-66, 2000.
- DELBÓ, Adriana. Nietzsche e Burckhardt: Estado, crueldade da natureza e da cultura. **Cadernos Nietzsche**. v. 1, n. 2, p.287-310, 2011.
- LARGE, Duncan. “Nosso Maior Mestre”: Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura. **Cadernos Nietzsche**. n. 9, p.03-39, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

¹ O que nos lembra do mito de Sísifos, o qual foi condenado a rolar uma pedra para cima do monte mais alto, porém, ao chegar ao topo, ela rola novamente para baixo. Este castigo deveria ser repetido por toda a eternidade.